



PÍNDARO EM PINDORAMA: POR QUE O POETA TEBANO É POUCO LIDO NO BRASIL?

PINDAR IN PINDORAMA: WHY IS THE THEBAN POET LITTLE READ IN BRAZIL?

Roosevelt Rocha*

* rooseveltrocha@yahoo.com.br
Professor Associado na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Resumo: Neste texto, discuto por que Píndaro é tão pouco lido, comentado e traduzido no nosso país. Pretendo demonstrar que ele não era um poeta ‘chapa-branca’, cuja função era apenas celebrar pessoas poderosas, nem necessariamente era um autor difícil de entender. Para incrementar os estudos pindáricos em nosso país é preciso desfazer esses preconceitos. Nesse sentido, cabe lembrar que ele teve grande influência na Antiguidade Clássica e é muito estudado e traduzido em outros países. Faço um percurso rápido pelo escasso pindarismo lusófono, mostrando que algumas discussões do passado ainda são pertinentes hoje em dia. Por fim, proponho a leitura da *Nemeia* 3, para demonstrar que Píndaro não é necessariamente difícil de entender e que não é justo chamá-lo de ‘chapa-branca’. Desse modo, espero estimular o crescimento do interesse por esse autor em nosso país.

Palavras-chave: Píndaro, Recepção, Epinício, Estudos Clássicos Lusófonos, Grécia Arcaica.

ABSTRACT: In this text, I discuss why Pindar is so little read, commented on and translated in our country. I intend to demonstrate that he was not a ‘biased toward the government’ poet, whose function was only to celebrate powerful people, nor was he necessarily a difficult author to understand. In order to increase Pindaric studies in our country, it is necessary to undo these prejudices. In this sense, it is worth remembering that it had a great influence on Classical Antiquity and is widely studied and translated in other countries. I take a quick tour of the scarce Lusophone Pindarism, showing that some discussions of the past are still relevant today. Finally, I propose the reading of *Nemea* 3, to demonstrate that Pindar is not necessarily difficult to understand and that it is not fair to call him ‘biased toward the government’. In this way, I hope to stimulate the growth of interest in this author in our country.

Keywords: Pindar, Reception, Epinikion, Lusophone Classical Studies, Archaic Greece.

Certa vez, há alguns anos, quando eu estava orientando um trabalho de iniciação científica ou dando uma aula sobre Píndaro, poeta grego, originário de Tebas, que viveu entre 518 e 438 a. C., um dos alunos mais perspicazes que eu já tive na Universidade disse, depois de eu explicar o que é um epinício e para que esse tipo de canção servia, que o cantor tebano era ‘chapa branca’. Não lembro o que eu falei naquele momento, mas essa expressão ficou ressoando na minha cabeça até hoje e acredito que seja injusto dizer tal coisa sobre esse autor. Bem, essa breve anedota me levou a querer explorar mais a fundo o motivo de Píndaro ser tão pouco estudado e traduzido no nosso país, pelo menos em comparação com países como Itália, Reino Unido e mesmo Espanha.

Numa primeira reflexão, haveria dois motivos que explicariam esse negligenciamento injusto em relação a esse poeta: um certo estranhamento causado pela ideia de que os epinícios tinham a função de celebrar vitórias de competidores em um dos grandes jogos da Grécia Antiga e a fama que Píndaro tem de ser um poeta cujos textos são difíceis de compreender. Neste pequeno artigo, tratarei dessas duas questões e tentarei mostrar que o preconceito que surge de uma primeira impressão não se sustenta quando estudamos com um pouco mais de

cuidado as canções pindáricas. O estranhamento diminui ou desaparece quando nos dispomos a entender uma outra cultura e a impressão de dificuldade é mitigada conforme aumenta nossa convivência com o estilo do cantor e compositor tebano.

Para começar, julgo relevante entender o que significa a expressão ‘chapa branca’. Até 2017, todos os carros oficiais dos órgãos públicos eram emplacados com chapas brancas. A partir do domínio automobilístico, essa expressão passou a designar pessoas que defendem os governantes que estão no poder, especificamente jornalistas que se alinham aos poderosos para justificar e elogiar suas ações. Como, no Brasil, dificilmente temos governos federais, estaduais ou municipais que produzam bons resultados para a maior parte da população, qualquer pessoa que defenda os governantes tem uma grande chance de ser mal vista por um grande número de cidadãos. Por isso, chamar alguém de ‘chapa-branca’ é como dizer que essa pessoa é um puxa-saco, um bajulador, um interesseiro. E, na minha opinião, dizer tal coisa de Píndaro é injusto e anacrônico. Quero defender aqui que é preciso tentar entender esse autor de acordo com os valores e costumes da sua própria cultura, ou seja, aquela do período arcaico da Grécia Antiga no qual ele viveu.

Mas antes disso, gostaria de propor dois percursos aqui. O primeiro tratará, de forma resumida, da recepção das canções pindáricas desde o período clássico até o Renascimento, quando os textos do tebano foram publicados pela primeira vez na sua forma impressa. E, num segundo momento, farei também uma exposição rápida sobre as traduções de Píndaro publicadas em língua portuguesa, com atenção especial para o que foi feito no Brasil. Espero, assim, demonstrar que esse autor tem uma obra de grande relevância e merece uma atenção muito maior do que a que teve até agora no nosso país.

Píndaro foi um dos autores mais importantes da poesia grega antiga. Seus versos já são citados ou referidos por autores do período clássico que produziram suas obras pouco depois de sua morte, em 438, ou mesmo até enquanto ele ainda estava vivo, como pode ter sido o caso de Ésquilo, seu contemporâneo. Para se ter uma ideia da influência e do alcance das canções pindáricas, é relevante destacar que já na Tragédia Grega é possível detectar referências a elas. Como Bagordo (2003, p. 166-218) tenta demonstrar, é possível encontrar semelhanças ou reminiscências de composições de Píndaro em algumas tragédias de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Íon de Quios.¹ Isso sugere que já havia em Atenas, desde meados até o final do século V, alguma intimidade por parte dos

tragediógrafos e do seu público com as obras do tebano. É interessante notar que, no livro de Bagordo, Píndaro é o poeta mélico do qual haveria mais reminiscências na Tragédia Grega. É claro que pode haver uma distorção aí devida ao fato de termos mais textos de Píndaro do que de qualquer outro autor. De qualquer maneira, a quantidade de possíveis referências, 27, chama nossa atenção. Além disso, basta também consultar o *Index Fontium*, da edição de Snell-Maehler (1975, p. 196-213), para se ter uma ideia da quantidade de citações pindáricas que encontramos em autores como Heródoto (3.38.4 = fr. 169), Aristófanes (*Aves*, 927 e 942 = fr. 105; *Cavaleiros*, 1329 = fr. 76, por exemplo),² Platão, Aristóteles, Dionísio de Halicarnasso, Plutarco e Luciano, por exemplo.

No período helenístico, Píndaro foi incluído no cânone dos nove poetas mais significativos da poesia mélica (poesia feita para ser cantada por uma única pessoa ou por um coro), junto com Safo, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides e Baquilides.³ Mais tarde, Horácio (*Odes*, 4.2) fala do nosso poeta como quase inimitável, porque sua poesia seria como um rio que desce das montanhas com uma força incontornável. Quintiliano (8.6.71.2 e 10.1.61.2) escreveu que Píndaro era o ‘príncipe dos poetas líricos’.

1. A lista completa de referências apresentada por Bagordo é esta: Pind. O.3,29, O.5,20ss., N.5,24ss., fr.[inc.]140a,56Sn.-M. ~ Eur. HF 348ss.; Pind. O. 11,10 ~ Eur. Bacch. 427ss.; Pind. O. 14,11.14ss., O.1,11ss. ~ Eur. Alc. 568ss.; Pind. P. I,15ss. ~ [Aesch.] PV 351ss.; Pind. P. 2,52 ~ Eur. IA 567; Pind. P. 2,77 ~ Aesch. Ag. 71; Pind. P. 2,81ss. ~ Aesch. Cho. 420ss.; Pind. P. 3,113, N. 3,4 ~ Aesch. Ag. 1531; Pind. P. 5,90ss. ~ Eur. Hel. 207ss., Hipp. 228ss.; Pind. P. 5,107ss. ~ Soph. Ant. 1087ss.; Pind. P. 8,95ss. ~ Soph. Phil. 946ss.; Pind. P. 9,23ss.; Bacchyl. fr. 4,76ss. Sn.-M. ~ [Eur.] Rhes. 55ss.; Pind. P. II,56ss. ~ Aesch. Eum. 526ss.; Pind. N. 7, N. 8, O. 2 ~ Soph. Ai. 134ss.; Pind. N. 10,54 ~ Eur. Bacch. 882ss.; Pind. I. 1,22 ~ Eur. Andr. 773ss.; Pind. I. 7,25 ~ Eur. IA 764ss.; Pind. I. 8,31ss. ~ [Aesch.] PV 768. 920ss.; Pind.fr.[dith.] 76,1Sn.-M. ~ Eur. Alc. 452, Tro. 803, IT 1130; Pind. fr. [dith.] 76,2f Sn.-M. ~ Soph. OC 58; Pind. fr. [inc.] 168b Sn.-M. ~ Ion *TrGF* 19 F 29; Pind. fr. [inc.] 169,1ss. Sn.-M. ~ Eur. Hec. 799ss., Bacch. 877ss.); Pind. fr. [inc.] 169,26ss. Sn.-M. ~ Eur. HF 382ss.; Pind. fr.[inc.]169,29ss. Sn.-M. ~ Eur. Bacch.1133ss.

2. Para mais passagens pindáricas citadas por Aristófanes, ver Carey, 1995, p. 85.

3. Cf. Os epigramas da Antologia Palatina 9.184 e 9.571, nos quais Píndaro aparece no topo da lista dos poetas líricos. Sobre a formação do cânone da lírica grega arcaica, ver Hadjimichael, 2019, 1-13.

É importante lembrar também que fragmentos de Píndaro são citados num grande número de Escólios, o que dá testemunho do grande interesse dos gramáticos alexandrinos e de comentadores da época imperial pela obra desse autor. E esse grande interesse também pode ser dimensionado observando-se o número de papiros, publicados desde o século XIX, que contêm textos pindáricos. Por fim, é muito relevante também lembrar que Píndaro é o único autor do cânone alexandrino dos nove poetas mélicos arcaicos cuja obra, em sua maior parte, chegou até nós através da tradição manuscrita em edições separadas, dedicadas basicamente a recolher os seus epinícios. Isso mostra que houve um grande interesse pela obra de Píndaro ao longo do período bizantino também, especificamente a partir do século X d.C., depois da reorganização da Universidade de Constantinopla, que aconteceu a partir de 863.⁴ No período bizantino, seus poemas foram copiados e recopiados por meio da tradição manuscrita, certamente por causa do valor educativo e moralizante de muitas de suas máximas, mas também por causa do interesse dos sábios bizantinos pela língua da mélica coral, usada por Píndaro, que se configurava como uma *koiné* do ponto de vista dos estudiosos daquela época (séculos XI e XII).⁵ Tanto que ele é o único autor da poesia mélica que chegou até nós por intermédio dos manuscritos, não somente através

de fragmentos citados por outros autores ou em papiros.⁶ Na Idade Média, no Ocidente, Píndaro não teria exercido grande influência sobre outros poetas. Porém, a partir do Renascimento, sua obra passou a ser lida e imitada por vários autores, como Ronsard, Gôngora, Hölderlin e Goethe, entre outros.⁷

Depois dessa rápida exposição sobre a recepção de Píndaro, falemos agora sobre as traduções da sua obra em nossa língua. Em português, temos muitas traduções de Homero, do *Édipo Rei*, de Sófocles, e da *Medeia*, de Eurípides. De Píndaro, porém, até onde eu sei, não tínhamos, até pouco tempo, nenhuma tradução completa de todos os epinícios e dos fragmentos. Por que essa indiferença ou essa recusa, se é que podemos falar assim? Por que essa ausência no universo lusófono de um poeta tão importante em sua época e para a posteridade da cultura greco-latina? No passado, Píndaro foi considerado obscuro, incompreensível, difícil, quase intraduzível. Mas isso não explica tudo. Talvez o fato de ele celebrar homens da nobreza tenha causado uma certa aversão entre tradutores imbuídos de ideologias contrárias à celebração de poderosos. De qualquer modo, o fato é que o poeta em questão é pouco traduzido e pouco estudado por nós, falantes da língua portuguesa.

4. Sobre isso, ver Irigoin, 1952, p. 123-124.

5. Cf. Irigoin, 1952, p. 135-136.

6. Algo parecido só aconteceu com Teógnis, poeta elegíaco, cuja obra chegou até nós também através da tradição manuscrita.

7. Sobre a influência de Píndaro, da Antiguidade até o começo do século XX, ver Hummel, 2011. E para a recepção de Píndaro especificamente nos séculos XIX e XX, ver Williamson, 2010, p. 354-355 e 368-369.

Mas falemos primeiro, em linhas gerais, dos princípios do pindarismo lusófono. No âmbito da língua portuguesa, Píndaro parece ser, há muito tempo, um autor distante, de difícil acesso e pouco influente. Encontrei referências indiretas a ele, de modo geral associado a Horácio, em alguns poemas de Filinto Elísio (1734-1819), poeta do Neoclassicismo português.⁸ O caso desse autor me parece exemplar da situação dos Estudos Clássicos em âmbito lusófono e, em especial, no que diz respeito aos estudos pindáricos. Examinando alguns volumes das suas obras completas, que foram publicadas em Paris, porque Filinto, cujo nome de batismo era Francisco Manuel do Nascimento, estava exilado na França por motivos políticos, encontrei várias Odes, que sem dúvida receberam esse nome porque já havia uma tradição de composição desse tipo de poesia na literatura portuguesa desde o Renascimento. Suas Odes parecem ter como objetivo homenagear alguém e usam métrica variável, dois traços que encontramos nas Odes de Horácio e nos Epínícios de Píndaro. Porém, como eu disse antes, não encontrei nenhuma referência direta ao tebano, mas há várias Odes que são precedidas de epígrafes tiradas de Odes de Horácio. Desse modo, podemos concluir que Filinto Elísio talvez não tenha lido Píndaro ou, se leu, não foi muito influenciado por ele. Contudo, a influência horaciana é patente e, assim, podemos afirmar que houve, sim, uma

influência pindárica sobre Filinto, mas por via indireta, através da leitura e da imitação de Horácio.⁹

Entre autores brasileiros, é interessante lembrar que José Bonifácio de Andrada e Silva traduziu e publicou sob o pseudônimo de Américo Elísio, a *Primeira Olímpica*.¹⁰ Vale a pena fazer um comentário aqui sobre a Advertência que serve como introdução à tradução e que trata de questões tradutórias bem atuais. Primeiro Andrada e Silva explica que decidiu traduzir essa ode, do “maior e mais sublime” poeta lírico da Antiguidade, porque dela não havia nenhuma versão em português até então (1825), nem boa nem má, nem em prosa nem em verso. E ele lamenta o fato de não conhecermos diretamente as Odes de Píndaro, já considerado pelos Gregos como o maior poeta do seu gênero. Quintiliano e Horácio o elogiaram e Ingleses e Alemães são seus entusiastas, mesmo que quase toda a harmonia dos seus versos tenha se perdido (p. 106-107). Para entender Píndaro é preciso ter em mente que a música e a poesia eram muito importantes para os Gregos; que uma vitória nos Jogos Olímpicos talvez tivesse mais valor do que uma vitória no campo de batalha; e que a poesia estava sempre acompanhada pela música e muitas vezes pela dança. Sem ter isso em mente, as canções de Píndaro pareceriam arroubos de um desvairado. Desse modo, Andrada e Silva demonstra ter

8. As obras completas de Filinto Elísio podem ser consultadas na página <https://archive.org/search.php?query=Filinto%20Elyσιο> (consultada em 28/07/2021). Sobre a biografia de Filinto Elísio, ver Braga, 1901, p. 87ss., disponível em <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=92021> (consultada em 29/07/2021). É importante tratar desse autor aqui, porque, além do fato de sua obra apresentar elementos de origem pindárica, ele influenciou muito Almeida Garrett, que, por sua vez, foi uma referência importante para Alexandre Herculano. Esses dois últimos autores certamente influenciaram escritores brasileiros do período do Romantismo, como Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. Portanto, em última medida, seria possível encontrar traços de pindarismo nesses dois poetas brasileiros. Mas isso é algo a ser estudado.

9. Aproveito aqui para fazer uma observação sobre essa questão. Precisamos diminuir a recorrência desse tipo de situação, na qual, nós lusófonos e os brasileiros, especificamente, não acessamos diretamente as fontes gregas e estamos sempre dependentes de leituras estrangeiras. Precisamos desenvolver nossas próprias interpretações, indo nós mesmos direto às fontes greco-latinas. É isso que defendo num texto publicado nesta mesma revista. Cf. Rocha, 2019. De qualquer modo, ainda é preciso fazer uma investigação sobre a influência da Antiguidade Clássica no mundo lusófono e, em especial, sobre a influência de Horácio, que nos levaria a pensar na influência indireta de Píndaro. Um caminho é fazer pesquisas sobre a Ode como gênero, desde o Renascimento até o Modernismo. Não cabe fazer essa investigação aqui, mas fica a sugestão.

10. Consultar as páginas 106-130, das *Poesias Avulsas*, de Américo Elyσιο, disponível em <https://www.obrabonifacio.com.br/colecao/obra/1107/digitalizacao/pagina/1> (consultada em 28/07/2021).

consciência de que, para compreender as composições do tebano, é preciso entender qual era o objetivo dele quando compunha e quais eram as partes necessárias num epinício. Depois de elogiar a língua portuguesa e de fazer duras críticas à língua francesa (p. 110-113), Andrada e Silva admite que é difícil traduzir Píndaro com fidelidade, nobreza e economia de palavras, principalmente em se tratando dos epítetos compostos, tema recorrente entre os tradutores de poesia grega antiga. Para traduzi-lo bem, seria preciso enriquecer nossa língua com neologismos, principalmente compostos (p. 114). De qualquer modo, já existiam muitas palavras compostas em português originárias do Latim. Era preciso ousar e cultivar o engenho, apesar das críticas dos puristas acanhados (p. 114-115). Como estava em Bordeaux, em condições desfavoráveis, quando fez a tradução, ele não pôde consultar traduções inglesas e alemãs, mas teve em mãos o livro de Gedike¹¹ e já tinha lido antes a versão de Voss.¹² Ele não consultou as traduções em inglês, em italiano, em francês (Blondel) e a versão em espanhol de Frei Luiz de León lhe pareceu insulsa e infiel. De qualquer modo, se sua tradução fosse muito literal, as frases teriam um caráter bárbaro e ininteligível por causa do estilo obscuro resultante. E, por outro lado, se fosse muito solta e livre, não seria tradução, mas uma paráfrase marcada pelo estilo dele próprio. Andrada e Silva diz também (p. 116) que tentou seguir as

pegadas de Píndaro, acrescentando algumas notas que lhe pareceram necessárias para a compreensão do texto. E ele termina dizendo: se esse ensaio não agradar a muitos leitores, que eles então tentem fazer melhor. Eu mesmo não terminaria de modo mais adequado uma introdução a uma tradução de um epinício de Píndaro.

Já no século XX, outro poeta que também traduziu a *Primeira Olímpica*, de Píndaro, foi Mário Faustino (publicada na página 'Poesia-Experiência', do *Jornal do Brasil*, em 03 de novembro de 1957). Faustino adverte logo no início de suas Notas que a tradução foi feita a partir da versão em inglês de Richard Lattimore e daquela em francês de Aimé Puech. Ele escolheu verter Píndaro numa linguagem e numa métrica "mais atuais", adotando um estilo mais irônico e jocoso, que seria característico dessa ode, segundo alguns estudiosos. Além da tradução, Faustino oferece também notas explicativas sobre o contexto da performance original, num banquete a Hierão, sobre o mito de Tântalo e Pélops e sobre a métrica pindárica, "complicadíssima" e virtualmente "impossível" de transpor para o português. Talvez esse tipo de comentário é que acabe dissuadindo muitos novos tradutores do Grego Antigo de enfrentar esses textos. Mas é preciso relativizar essa "complexidade", como estou tentando demonstrar neste texto.

11. Provavelmente, a obra referida é *Pindars Olympische Siegeshymnen*, de Friedrich Gedike, publicada em 1777.

12. Aparentemente Andrada e Silva está falando de Johann Heinrich Voss (1751-1826), grande tradutor de Homero, mas não encontrei maiores referências a traduções de Píndaro feitas por ele, com exceção de uma versão da *Pítica* 1. Talvez Andrada e Silva esteja se referindo às traduções do grego para o alemão em geral de Voss.

Influenciado por Faustino, Haroldo de Campos (1969, p. 109-119), traduziu a *Pítica 1* e fez interessantes comentários sobre leituras modernas do nosso autor. Sua tradução não é para filólogos que não se relacionam com pessoas vivas. Segundo Campos, é poesia como poesia, sem um interesse maior pela biografia e pelo contexto histórico em que viveu o autor. O tradutor tinha como projeto destacar a “*função poética do texto*”.¹³ De acordo com ele, o poeta que transcribia um texto antigo está numa posição privilegiada em comparação com os eruditos não-poetas. O erudito tem um grande repertório de *língua*, mas o poeta tem um maior arsenal de *linguagem*, ou seja, recursos estéticos cultivados na sua atividade de criação poética. Sendo assim, ele trata a tradução como uma “espécie da categoria da criação” (CAMPOS, 1969, p. 111). A partir dessa abordagem tradutória, Campos afirma que o “único Píndaro legível em português é o de Mário Faustino”, embora o resultado atingido tenha sido limitado pela falta de conhecimento da língua grega antiga por parte de Faustino. Diferente deste último, Campos fez sua tradução a partir do original grego, com a ajuda do professor Francisco Achcar (como ele alerta na nota 1), usando a edição de Sandys, para a Loeb, e a de Puech, para a Les Belles Lettres, além de consultar a tradução de Latimore. Campos usou o verso livre ou polimétrico e o

espacejamento com função dinâmica. Segundo o tradutor, Píndaro é tratado não como monumento glorioso, mas como poeta de carne e osso, pela ótica do tempo presente, em perspectiva sincrônica, que fala para o auditório de hoje.¹⁴ Dentre as soluções encontradas por ele, Campos (1969, p. 113) não hesitou em criar neologismos para transpor os epítetos compostos. Ele opta também por usar uma palavra do português que tem a mesma raiz da palavra grega, como “máquina” que traduz “makhaná”, adotando como procedimento a tradução etimológica ou hiperliteral, no passado praticada por Hölderlin. Por fim, Campos, diz que usou, em vários momentos, aliteraões e paronomásias para tentar transpor a mélica pindárica.

Faço questão aqui de apresentar de modo resumido a perspectiva tradutória de Haroldo de Campos, tal qual ele a apresenta no livro citado, porque a minha própria abordagem tem muita afinidade com a dele, já que fui muito influenciado pelos poetas concretos. Porém, sou professor de grego antigo, com graduação em História, e não posso deixar de confessar minha grande admiração pelos grandes filólogos do passado e do presente. Além disso, tenho a pretensão de me dizer poeta. Sendo assim, costumo dizer que procuro equilibrar essas duas perspectivas, a da erudição e a da criação. Foi isso que tive

13. Itálico do autor, sem dúvida fazendo referência ao conceito de Roman Jakobson.

14. Cf. Campos, 1969, p. 112.

em mente quando fiz minhas traduções de Píndaro. Mas, de qualquer modo, a abordagem concretista influenciou fortemente a mim e a outros tradutores contemporâneos.

Isso é o que pude aferir numa pesquisa rápida sobre a presença de Píndaro no âmbito da literatura lusófona desde o final do século XVIII até o final dos anos 1960, com o nosso autor sendo pouquíssimo estudado e traduzido. Nos últimos anos, no entanto, esse quadro vem mudando e estamos assistindo ao crescimento do interesse pelo nosso poeta no Brasil. Isso se comprova pelo número de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre sua obra.¹⁵ Ademais, algumas odes têm sido publicadas em português, mas de maneira esparsa. Não comentarei aqui em detalhe cada uma das seguintes obras, mas cabe dizer que se tratam de traduções e estudos de caráter erudito, mais interessados em entender o original do que em transpô-lo para uma linguagem poética atualizada. Posso citar aqui o livro de Malhadas (1976), no qual encontramos algumas odes pindáricas dedicadas a chefes sicilianos. Temos também as traduções de Pereira (2003) e de Lourenço (2006a, p. 91-151) e o livro organizado também por Lourenço (2006b), que em suas páginas finais traz algumas odes traduzidas para o português. E, em 2016, foi publicada também a tradução das *Odes Olímpicas*, realizada por Onelley e Peçanha. A

primeira tradução de todos os epinícios e de todos os fragmentos de Píndaro foi feita por mim e publicada em 2018.¹⁶ Espero que, no futuro próximo, outros tradutores se interessem pelo nosso autor e ofereçam outras leituras e interpretações de sua obra.

Depois então dessa breve discussão sobre o pindarismo lusófono, voltemos à discussão inicial e tratemos da questão da obscuridade e da dificuldade da poesia pindárica. Tentarei mostrar que Píndaro não é tão difícil assim. Não estou querendo dizer que seja fácil ler e interpretar a obra desse autor. Elaborei notas que acompanham o texto pensando no leitor iniciante. Não quero também anular o estranhamento causado pela leitura de uma obra produzida num contexto cultural tão diferente do nosso. Como toda obra de arte, as canções do tebano, e especificamente os epinícios, exigem explicações iniciais e elucidações detalhadas em alguns momentos. Depois, porém, que preenchermos esses requisitos básicos, leituras subsequentes das canções se tornam mais prazerosas e gratificantes. Para realizar esse exercício, proponho a leitura da ode epinícia chamada de *Nemeia 3*, cuja leitura e interpretação me parecem bastante acessíveis, mesmo para um leitor iniciante. Vejamos o texto traduzido, a partir da edição de Snell-Maehler (1980, p. 128-131):¹⁷

15. Exemplos disso são os trabalhos de Araújo (2006), Frade (2012), Antunes (2013), Rezende Silva (2013), Romero (2013), Pires (2014) e Lautenschlager (2016).

16. Cf. Rocha, 2018. Julgo que essa tradução precisa ser revista, principalmente no que diz respeito à edição dos fragmentos. Espero fazer esse trabalho num futuro breve. Os quatro últimos parágrafos apresentados aqui resultam de uma adaptação do texto já publicado nas páginas 46-48 do livro citado nesta nota.

17. É importante lembrar que estou propondo a leitura de uma tradução que, por si só, já proporciona uma certa 'facilitação' do texto. No original, Píndaro empregou o dialeto dórico, um pouco diferente do dialeto ático, que está na base do chamado Grego Clássico. Além disso, nosso autor ficou famoso por usar uma sintaxe, digamos, 'não linear', com constante uso de orações intercaladas, apostos e quiasmos, por exemplo. Todas essas características ficam menos evidentes no texto traduzido, embora eu tenha tentado mantê-lo o mais próximo possível do original, sem comprometer a compreensão.

Nemeia 3 (475?)

Para Aristoclides de Egina, vencedor no pancrácio

Ó senhora Musa, mãe nossa, suplico,
no sacro mês Nemeico¹⁸ vem
à hospitaleira dórica ilha de Egina, pois junto à água
Asópica¹⁹ esperam de melivóceas celebrações
os jovens artífices, de tua voz sequiosos.
5 Tem sede cada ação de algo diverso,
mas a vitória nos jogos sobretudo ama a canção,
de coroas e façanhas corretíssima companheira.

Dela²⁰ abundância concede que venha de nosso engenho.
Começa pelo rei do céu multinuvoso, filha,²¹
um aceitável hino e eu com as vozes deles e com
a lira compartilha-lo-ei. Agradável labor terá
o deleite desta terra²², onde os Mirmidões,²³ os primeiros,
habitaram, cuja antigafamada praça
10 não com desonras Aristoclides miasmou
por tua vontade derrotado no ultraforte

percurso do pancrácio. Dos fatigantes golpes
a cura salutar na fundiplana Nemeia
o triunfante canto traz.

Se, sendo belo e fazendo o adequado à sua forma,
em virilidades proeminentes embarcou

o filho de Aristófanes,²⁴ para lá
do inatingível mar depois dos pilares de Hércules mais além
[não é fácil,²⁵

os quais o herói deus fixou da navegação como extremos
testemunhos ínclitos. Dominou feras no pélagos
monstruosas e, por si próprio, explorou dos tremedais
5 as correntes, onde arribou ao limite que o enviou ao retorno 25
e a terra tornou conhecida. Coração, para que estrangeiro
cabo minha viagem desencaminhas?
Para Éaco²⁶ e sua raça a Musa ordeno que tragas.
O primor da justiça segue aquele dito, “louva o nobre”,

10 e desejos por temas estrangeiros não são melhores para um
[homem exibir. 30

Procura em casa. Adequado adorno recebeste
para cantar algo doce. Em antigas façanhas
deleitou-se Peleu, o senhor, depois de cortar sua lança ímpar.
15 Ele também Iolco tomou sozinho sem exército,
e a marinha Tétis capturou 35
com vigor. E a Laomedonte o vastipotente
Télamon, de Iolau aliado sendo, destruiu
e outrora contra a bravura bronziarqueira das Amazonas
seguiu com ele²⁷ e jamais o medo domahomem
deteve o gume do seu espírito.

20 Alguém com inata glória é muito pesado.²⁸ 40

24. Aristoclides, cuja vitória é celebrada neste epinício.

25. Não é fácil embarcar, navegar ou ir além.

26. Píndaro está celebrando a vitória de um egineta. É mais adequado que ele mencione heróis ligados à ilha, como é o caso de Éaco, filho de Zeus e da ninfa Egina, pai de Peleu e Télamon e avô de Aquiles e Ájax.

27. Com Hércules.

28. Prevalece, é poderoso: é difícil derrotar alguém, como Aquiles, que tem glória inata.

18. Os jogos de Nemeia eram realizados em julho, ano sim, ano não, quando não havia nem Jogos Olímpicos nem Jogos Píticos (em Delfos).

19. Asopo era, provavelmente, o nome de uma fonte em Egina.

20. O poeta pede que lhe venha a canção em abundância.

21. As Musas eram filhas de Zeus e Mnemósine.

22. Ou seja, o coro ('deleite de Egina') terá um trabalho agradável.

23. Um escólio a este verso cita um fragmento do *Catálogo das Mulheres* (fr. 205M-W), de Hesíodo, onde se conta como Zeus, depois que uma peste matou toda a população de Egina, repovoou a ilha transformando formigas (*myrmeke*s) em seres humanos. Mirmidões eram também o povo da Ftia (Tessália) que acompanhou Aquiles na guerra contra Troia.

Mas quem possui só o ensinado, obscuro homem,
ora isso ora aquilo aspirando, jamais com preciso
pé marchou e incontáveis façanhas experimenta com mente
[ineficaz.

O louro Aquiles, quando morava no lar de Filira,²⁹
ainda criança, brincando, realizava grandes feitos. Com as
[mãos amiúde
sua brevilaminada lança brandindo e igual aos ventos 45
em luta aos leões selvagens trazia a morte
e javalis matava. Os corpos para o Crônida
Centauro ofegantes levava,
com seis anos primeiro e depois todo o tempo.
Com ele espantavam-se Ártemis e a audaz Atena, 50
quando matava corças sem cães nem dolosas redes,
pois com os pés prevalecia. Contado pelos antigos este
relato retomo: o profundissábio Quíron criou Jasão
dentro do pétreo teto e depois Asclépio,
a quem dos fármacos ensinou o delicado manuseio.³⁰ 55
Casou, além disso, a de esplêndidos seios
de Nereu filha³¹ e do filho dela bravíssimo
cuidou, nas conveniências todas sua alma fortalecendo,
para que, pelas marinhas dos ventos rajadas enviado
para Troia, à lanciruidosa gritaria dos lícios, 60
frígios e dárdanos
resistisse e, contra os lanciportantes etíopes
tendo mesclado suas mãos, em seu espírito

fixou que o rei deles depois
de novo para casa, o primo feroz de Heleno, Mémnon, não iria.
Longibrilhante está fixo o fulgor dos Eácidas desde aqui,
Zeus, porque teu o sangue³² e teus os jogos, o qual o hino atingiu 65
com a voz dos jovens o pátrio sucesso celebrando.
A aclamação ao vitorioso Aristoclides convém,
o qual esta ilha vinculou ao glorioso elogio
e o augusto Teário do Pítio³³
a esplêndidas ambições. Na prova é iluminado 70
o resultado daquilo em que alguém superior se tornou,
entre crianças pequenas como criança, entre homens, homem,
[em terceiro lugar
entre mais velhos, assim é a parte que cada um de nós tem,
perecível raça. E leva também a quatro virtudes³⁴
a mortal vida e ordena pensar sobre o que está ao alcance. 75
Delas não estás longe. Salve, amigo! Eu este mel
envio a ti mesclado com alvo
leite e misturada espuma o coroa,
gole de canções nos sopros eólicos dos aulos,
embora tarde. Mas é a águia veloz entre os pássaros, 80
a qual captura presto, de longe perseguindo,
a cruenta presa com suas garras.
Grasnantes gralhas, porém, lá em baixo habitam.
Para ti, sim, já que a benitrônea Clio deseja,
por causa de tua vencedora coragem
desde Nemeia, Epidauro e Mégara refulgiu tua luz.

29. Mãe do centauro Quíron.

30. Aqui deixei o 'delicado' (*malakos*)
sozinho e juntei 'mão' (*kheir*, de
malakokheir) com 'uso' (*nomos*).

31. Tétis, mãe de Aquiles.

32. Ver nota 25.

33. O Teário era o local em Delfos
onde se reuniam delegados
enviados de várias cidades
ao templo de Apolo (o Pítio).
Aparentemente, Píndaro está
alimentando as esperanças
da delegação egineta de que
Aristoclides vencerá nos Jogos
Píticos também.

34. Difícil saber exatamente quais
são essas quatro virtudes. Sobre
elas, Píndaro parece falar também
na *Pítica*, 6, 47-51 e na *Ístmica*, 8,
24-26: sabedoria, autocontrole,
coragem e justiça.

Para dissipar as névoas do preconceito, é necessário primeiramente saber que esse é o texto de um epinício, poema cantado por um coro, ou seja, um grupo, provavelmente de rapazes ou homens, cuja função era celebrar a vitória de um competidor num dos grandes jogos da Grécia Antiga. O competidor, no caso, foi Aristoclides e os jogos foram os de Nemeia, talvez no ano de 475 a.C.³⁵ Num epinício, o poeta precisava citar o nome do competidor, mas também esperava-se a menção a pessoas da sua família e ao nome da sua cidade, porque a glória da vitória não pertencia somente ao vencedor, mas também se estendia a seus familiares e à sua comunidade de origem. Por isso, o nome do pai de Aristoclides, Aristófanes, é citado no verso 21, e a referência a Egina é feita já no verso 3. Mas Egina estará presente ao longo de toda a canção, principalmente na parte mítica que trata dos grandes feitos e da excelência dos descendentes de Éaco: Peleu, Télamon e Aquiles.

A canção começa com uma súplica à Musa, cujo auxílio os jovens eginetas componentes do coro estão esperando ansiosos. É preciso cantar a vitória conseguida em Nemeia, pois ela deve ser celebrada: a canção é a melhor companheira das grandes façanhas, como a realizada por Aristoclides na competição do pancrácio. Vou voltar a essa questão mais adiante, quando demonstrarei

que Píndaro não era um poeta ‘chapa-branca’. Ele pede então que sua canção venha em abundância e que ela celebre, em primeiro lugar, o rei dos deus, Zeus, pois ele é a divindade que recebe um culto especial em Nemeia. Egina também será celebrada, pois Aristoclides não ‘sujou’ e não desonrou a antiga fama dos habitantes da ilha. É preciso cantar a vitória de Aristoclides também porque a canção é uma ‘cura salutar’ (v. 18) para as feridas e as lesões causadas pelo combate feroz do pancrácio, que era uma espécie de luta livre ou vale-tudo da Grécia Antiga.

A partir do verso 19, então, começa a transição para a primeira narrativa mítica, que faz menção a Hércules, herói cujo nome está intimamente ligado às origens dos Jogos de Nemeia, já que um dos seus doze trabalhos foi justamente matar o Leão de Nemeia, um dos eventos associados às primeiras disputas naquele local da Argólida.³⁶ Mas Hércules não é mencionado só por isso. Aristoclides é belo, moralmente nobre e tem a força física necessária para vencer nos Jogos, mas existe um limite para a excelência humana e esse limite é muitas vezes representado, nos epinícios de Píndaro, com a imagem das colunas de Hércules, fronteira do mundo conhecido pelos gregos antigos, encontrada pelo herói quando roubou os bois de Gerião.³⁷ Além disso, Hércules também aparece na ode, porque serve de paradigma mítico para Aristoclides, que,

35. Para um comentário recente e minucioso a esse epinício, ver Cannatà Fera, 2020, p. 53-65 e 308-345.

36. Sobre as origens dos Jogos de Nemeia, cf. Rocha, 2018, p. 32-34.

37. As colunas de Hércules, que ficariam no Estreito de Gibraltar, também são mencionadas na *Olímpica*, 3, 43-44; na *Ístmica*, 4, 11-12; e na *Nemeia*, 4, 69-70. Sobre isso, cf. Cannatà Fera, 2020, p. 317-318.

como o herói-deus, também realizou um grande feito ao vencer na prova do pancrácio, sozinho, com as próprias mãos. Esse tema da façanha solitária voltará a aparecer na ode.

Mas, se ele fosse falar das façanhas de Hércules, a narrativa não teria fim e, para que não se perca, o próprio poeta pede ao seu coração que não desencaminhe a canção-viagem e volta sua atenção para os heróis eácidas ligados à ilha de Egina, que é o local a ser celebrado agora. É preciso louvar o nobre e não há melhores paradigmas de nobreza do que os descendentes de Éaco. Peleu, sozinho, conquistou Iolco e capturou a deusa Tétis. Télamon matou Laomedonte e lutou contra as Amazonas, ao lado de Hércules. E Aquiles, cuja glória era inata, e a quem é dedicada toda uma tríade (v. 43-63), também realizou grandes feitos, sozinho. Desde criança, ele foi um grande caçador e matou muitas feras: leões, javalis e corças. E foi muito bem criado por Quíron para que fosse um grande guerreiro em Troia e vencesse muitos lícios, frígios, troianos e etíopes, dentre os quais Mémnon, o rei desses últimos. Desse modo, então, não há melhor modelo para Aristoclides do que Aquiles.

Na quarta e última tríade, Píndaro começa a arrematar a ode lembrando que os eácidas são descendentes de

Zeus, para quem os jovens do coro estão cantando também, pois, além de ser um epinício, a canção é também um hino ao soberano dos deuses, algo que já foi dito no verso 11. O nome de Aristoclides volta a ser mencionado e Píndaro lembra que ele tem as quatro virtudes mais importantes: sabedoria, autocontrole, coragem e justiça. O poeta aproveita para fazer um elogio da sua canção ('este mel', v. 76) e, aparentemente, a si mesmo, pois, mesmo com um certo atraso, assim como a águia, ele faz o que precisa ser feito, pois habita num lugar mais elevado, metaforicamente falando, é claro. A canção termina numa composição em anel fazendo referência à Musa Clio, que, certamente, é a mesma invocada no primeiro verso, e mencionando a vitória de Aristoclides em Nemeia e outras também conquistadas por ele em Epidauro e Mégara.

Para concluir, quero voltar à questão inicial: podemos dizer que Píndaro é um poeta 'chapa-branca'? Minha resposta é não, como já disse antes. Por que não? Para começar porque, diferente de um puxa-saco de hoje em dia, Píndaro não compunha suas canções para obter vantagens materiais para si mesmo. Ele cantava para associar o seu nome ao grande feito realizado pelo competidor, visando assim obter glória para si mesmo também.³⁸ Não estou aqui propondo uma 'salvação ideológica' do poeta

38. Falo sobre isso em Rocha, 2020.

tebano, tentando escamotear o fato de que suas composições eram dedicadas a membros da elite aristocrática. Talvez nunca seja demais lembrar que quase toda a produção poética da Grécia Antiga, de um modo ou de outro, estava ligada aos grupos mais privilegiados da sociedade. O que quero frisar é que essas canções tinham uma função específica no âmbito da cultura grega da primeira metade do século V a.C., que era celebrar as vitórias de vencedores nos grandes jogos. Esses vencedores nem sempre eram grandes potentados, como Hierão de Siracusa. Na *Pítica* 12, por exemplo, o vitorioso celebrado é um simples auleta. Portanto, quando compunha suas canções, nosso autor, certamente, não estava preocupado com as vantagens materiais que receberia como resultado do seu puxa-saquismo.

Além disso, Píndaro compõe porque a vitória precisa ser celebrada (v. 6-8),³⁹ pois, se ela não for festejada com a canção, ela cairá no esquecimento, o que equivale a nunca ter acontecido. Como ele diz, é preciso “louvar o nobre” (v. 29) e, na Grécia Arcaica, numa cultura da oralidade, só é possível fazer isso através da canção. E esse louvor tem um caráter religioso, sagrado, como podemos ver pela invocação à Musa, no começo e no fim do epinício, e pela equiparação da ode a um hino em homenagem a Zeus. Desse modo, além do que já foi dito, Píndaro exerce uma

função sagrada também, ao celebrar a vitória de Aristoclides que foi favorecida pelas divindades mencionadas na canção. Por fim, Píndaro não só elogia e celebra o grande feito, mas também aconselha e adverte o vencedor ao lembrar que, embora sua conquista seja memorável, ele continua sendo um ser humano que tem limites e não pode pretender ser uma divindade.⁴⁰ É preciso também tomar cuidado para não despertar a inveja dos outros concidadãos e mesmo dos deuses. Então o poeta precisa dosar sua canção para não enfastiar sua audiência com elogios exagerados e para não levar os seres eternos a ficar contra o homenageado. O poeta, portanto, tem uma função bastante delicada.⁴¹

Por isso, devemos tomar cuidado quando usamos termos atuais para interpretar os textos antigos. Estamos tratando de um testemunho produzido há milênios, num contexto cultural e religioso completamente diferente do nosso. Porém, essa consciência da diferença não deve nos afastar das canções de Píndaro. Elas são belíssimas quando lidas de acordo com os valores dos antigos gregos, mas podem também nos fazer pensar sobre os nossos próprios valores e sobre por que e como se faz poesia hoje em dia. Qual sua função? Ela tem alguma hoje em dia? E quando é que os grandes poetas deixaram de estar ligados a pessoas poderosas e passaram a produzir

39. Sobre isso, ver também *Ístmica*, 1, 47-51 e *Olimpica*, 11, 1-6. E cf. Cannatà Fera, 2020, p. 311.

40. Cf., além dos versos 20-23 da *Nemeia*, 3: *Olimpica*, 1, 114; *Olimpica*, 3, 44-45; *Olimpica*, 5, 25; *Ístmica*, 5, 14-16; e *Nemeia*, 9, 46-47, por exemplo. Cf. Bundy, 1962, p. 54-61.

41. Sobre o perigo da inveja, ver Kurke, 2013, p. 169-194.

textos que não necessariamente têm a função de celebrar a glória de pessoas poderosas? Essas são questões que merecem ser retomadas sempre. Não nos acanhemos então e tenhamos coragem de colocar em questão nossos preconceitos e nosso anacronismo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Carlos Leonardo Bonturim. **Métrica e Rítmica nas Odes Píticas de Píndaro**. São Paulo: Tese (FFLCH-USP), 2013.
- ARAÚJO, Alisson Alexandre de. **7ª Ode Olímpica de Píndaro: tradução e notas**. São Paulo: Dissertação (FFLCH-USP), 2006.
- BAGORDO, Andreas. **Reminiszenzen früher Lyrik bei den attischen Tragikern. Beiträge zur Anspielungstechnik und poetischen Tradition**. München: Verlag C. H. Beck, 2003.
- BRAGA, Teófilo. **Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcádia**. Porto: Lello, 1901.
- BUNDY, Elroy. **Studio Pindarica**. Berkeley: California University Press, 1962.
- CAMPOS, Haroldo de. Píndaro, hoje, In: CAMPOS, Haroldo de. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo: Perspectiva, 1969, p. 109-119.
- CANNATÀ FERA, Maria. **Pindaro. Le Nemee**. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Mondadori.
- CAREY, Christopher. Pindar and the Victory Ode, In: AYRES, L. (ed.). **The Passionate Intellect. Essays on the Transformations of Classical Traditions**. New Brunswick: Transaction Publishers, 1995, p. 85-103.
- FRADE, Gustavo Henrique Montes. **Contingência em Píndaro: Olímpica 12, Píticas 8 e 10, Nemeias 6 e 11**. Belo Horizonte: Dissertação (UFMG), 2012.
- HADJIMICHAEL, Theodora A. **The Emergence of the Lyric Canon**. Oxford: Oxford University Press.
- HUMMEL, Pascale. **Pindare et les pindarismes**. Paris: Philologicum, 2011.
- IRIGOIN, Jean. **Histoire du Texte de Pindare**. Paris: Klincksieck, 1952.

KURKE, Leslie. **The Traffic in Praise. Pindar and the Poetics of Social Economy.** Berkeley: California Classical Studies.

LAUTENSCHLAGER, Raphael Pappa. **Metapoética pindárica: comentários e análise do processo criativo em poemas e trechos epinícios escolhidos de Píndaro.** Curitiba: Dissertação (UFPR), 2016.

LOURENÇO, Frederico. **Poesia Grega de Álcman a Teócrito.** Lisboa: Cotovia, 2006a.

LOURENÇO, Frederico (org.). **Ensaio sobre Píndaro.** Lisboa: Cotovia, 2006b.

MALHADAS, Daisi. **Odes aos Príncipes da Sicília.** Araraquara: FFCLAr-UNESP, 1976.

ONELLEY, Glória Braga; PEÇANHA, Sueli. **As Odes Olímpicas de Píndaro. Introdução, tradução e notas.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2016.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Sete odes de Píndaro.** Porto: Porto editora, 2003.

PIRES, Robert Brose. **Epikomios Hymnos: investigações sobre a performance dos epinícios pindáricos.** São Paulo: Tese (FFLCH-USP), 2014.

REZENDE SILVA, Alfredo Manoel de. **Quarta pítica de Píndaro: tradução e comentário analítico.** Campinas: Dissertação (IEL-Unicamp), 2013.

ROCHA, Roosevelt. **Píndaro. Epinícios e Fragmentos.** Curitiba: Kotter, 2018.

ROCHA, Roosevelt. Por que o Brasil precisa dos Estudos Clássicos. **Em Tese**, v. 25, n. 1, 2019, p. 203-209.

ROCHA, Roosevelt. Eram os poetas gregos arcaicos profissionais? Uma reavaliação da discussão sobre a profissionalização da atividade dos poetas gregos do período arcaico. **Conexão Letras**, v. 15, n. 24, 2020, p. 67-79.

ROMERO, Sérgio Luiz Gusmão Gimenes. **Mito e performance na Olímpica I de Píndaro.** Araraquara: Dissertação (FCL-Unesp), 2013.

SNELL, Bruno; MAEHLER, Herwig (Eds.). **Pindari Carmina cum fragmentis. Pars II. Fragmenta. Indices. post Brunonem Snell edidit Henricus Maehler.** Leipzig: Teubner, 1975.

SNELL, Bruno; MAEHLER, Herwig (Eds.). **Pindari Carmina cum fragmentis. Pars I. Epinicia. post Brunonem Snell edidit Henricus Maehler.** Leipzig: Teubner, 1980.

WILLIAMSON, Margareth. Sappho and Pindar in the 19th and 20th centuries, In: BUDELMANN, Felix (Ed.). **The Cambridge Companion to Greek Lyric.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Recebido em: 01-08-2021.

Aceito em: 18-08-2021.